**Modalidade do trabalho**: Ensaio teórico
**Evento**: XXI Jornada de Pesquisa

# BAUMAN DE UMA SOCIEDADE SÓLIDO-MODERNA PARA UMA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA[1]

**Larissa Dalcin[2], Sidinei Pithan Da Silva[3].**

[1] Esta pesquisa apresenta ideias que serão desenvolvidas na tese de doutorado (2016-2019).
[2] Graduada em Psicologia. Mestra em Psicologia pela PUCRS. Doutoranda em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ; bolsista UNIJUI; e-mail: lddalcin@gmail.com
[3] Professor do Departamento de Humanidades e Educação – UNIJUÍ

## Introdução

O presente estudo tematiza e reflete sobre os conceitos de sociedade sólido-moderna e líquido-moderna na perspectiva de Zygmunt Bauman. Sobretudo, trata-se de compreender a crise existencial e valorativa que se configura a partir do novo momento social. Para tanto, Bauman (2001) rompe com a denominação "pós-modernidade" que é utilizada até o momento, pois, segundo o autor, entende-se que o nosso tempo histórico não é uma ruptura, e sim, uma continuidade dos pressupostos da modernidade.

Atualmente, pode-se perceber que as mudanças estão ocorrendo de forma mais rápida e radical, o que nos deixa perdidos e desnorteados. Buscamos valores estáveis e firmes que antes eram considerados eternos, e hoje não mais os encontramos, buscamos e sonhamos com um futuro que muitas vezes é difícil de ser conjecturado, procuramos por segurança, em um mundo cada vez mais inseguro, e neste sentido, temos dificuldades de encontrar pontos que nos ditem referências, e acima de tudo, que possam nos garantir serenidade (CUGINI, 2014). Se antes tínhamos confiança sobre o nosso futuro, hoje temos muitas dúvidas (RORATTO, 2010).

## Metodologia

A análise é organizada a fim de descrever os principais elementos que Bauman considera na transição de um projeto social sólido-moderno para um projeto líquido-moderno. Neste sentido, adota-se como metodologia a revisão bibliográfica, que é uma forma de pesquisa no qual o pesquisador visa aprofundar o estudo dos que vieram antes (SHULMAN, 1999), para tanto, as obras foram escolhidas por abordarem conceitos importantes sobre a temática a ser investigada.

## De uma sociedade sólido-moderna para uma sociedade líquido-moderna

Bauman, em entrevista para Pallares-Burke (2004), revela que na "modernidade sólida", havia o objetivo de desmontar a realidade herdada, no entanto, isto era feito a partir de uma perspectiva de longa duração, na qual, havia a intenção de torná-la melhor do que a realidade anterior, e, portanto, novamente sólida. Ainda, neste contexto, de acordo com Bauman, as mais grandiosas ameaças para a existência humana, eram muito mais óbvias do que hoje, ou seja, os perigos e os riscos eram muito mais palpáveis e consequentemente, muito mais reais. Hoje, percebemos que tudo está permanentemente desmontado, no entanto, não há perspectiva alguma de permanência, tudo é muito temporário.

Neste sentido, Bauman (2001) formula a teoria de que estamos passando da Modernidade Sólida, para a Modernidade Líquida. Segundo o sociólogo, na Modernidade sólida, derretia-se o sólido para colocar algo melhor no lugar, no entanto, estas trocas cessariam no momento em que não se

**Modalidade do trabalho**: Ensaio teórico
**Evento**: XXI Jornada de Pesquisa

percebessem mais defeitos, chegando assim a um determinado perfeccionismo. Na Modernidade dita líquida, os sólidos são derretidos, mas não emerge nada mais sólido em seu lugar. Esta mudança social e histórica assume assim uma condição de constante mudança, não tendo, portanto, previsão de término. Isso significa que nossas instituições, referências, estilos de vida e até mesmo crenças e convicções mudam antes de terem tempo de se solidificar em costumes e hábitos (BAUMAN apud PALLARES-BURKE, 2004).

Na sociedade sólido-moderna, havia uma relação de sociedade engajada para a produção de bens e serviços, no qual havia a predominância social e individual pela "ética do trabalho" (BAUMAN, 2000, p. 33). Nesse sentido, havia um adiamento dos prazeres individuais, pensando num projeto de vida vinculada ao enraizamento a um tipo de trabalho e arquitetura social (BAUMAN, 2001). No entanto, com as reformulações políticas e econômicas que surgiram com a globalização, também houve grandes transformações sociais. De acordo com Bauman (2001), as estruturas ou instituições vinculadas com o trabalho, a cultura e a educação, entre outras, que eram responsáveis pela produção da normatividade social se transformam em líquidas, e assim ficam a mercê tanto da responsabilidade, quanto da ação individual.

Verifica-se que de acordo com Bauman (2000), há neste período o deslocamento dos papéis-sociais que antes eram da "ética do trabalho", para a "estética do consumo". Passamos então, como pode ser observado, de uma sociedade de produtores, ou seja, sólido-moderna, para uma sociedade de consumidores, líquido-moderna (BAUMAN, 2008a).

De acordo com este autor, uma sociedade de consumidores é concebida por um "conjunto peculiar de condições existenciais em que é elevada a probabilidade de que a maioria dos homens e das mulheres venha a abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra, e de que na maior parte do tempo obedeçam aos preceitos dela com máxima dedicação" (BAUMAN, 2008a, p. 70). Ainda, esta exposição dos indivíduos ao mercado de mão-de-obra e também de mercadorias, irá inspirar e promover a divisão e não a unidade (BAUMAN, 2007a). Para Bauman, estamos vivendo em uma sociedade no qual "se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional" (BAUMAN, 2008a, p. 71). Portanto, podemos pensar que a partir da sociedade de consumidores, ou, da passagem para a modernidade líquido-moderna, perdemos o poder de escolha, pois há uma rejeição a tudo que se apresenta de modo alternativo.

A dissolução dos sólidos da sociedade agrícola e feudal se fazia mediada pelos sonhos dos progressos advindos da sociedade científica e tecnológica, marcadamente presentes no imaginário de modelos estáveis e duráveis de sociabilidade. O capitalismo nascente precisou dissolver as instituições que entravavam sua plena expansão. Mas, seu movimento de produção e consumo ainda se mantinha fortemente local e na esfera do Estado-Nação. Nesta condição, não eram todas as nações e sociedades que sentiam ou viviam a intensidade da mudança na mesma velocidade.

O mundo líquido-moderno, por sua vez, representa uma nova etapa da vida social, ou mesmo uma nova condição social e histórica, em que a vida existencial dos sujeitos singulares é atravessada e permanentemente produzida na interface de um capitalismo que se enraíza em todo o globo. Isto parece significar que o modo de produção capitalista continua o mesmo, mas o espectro de sua espacialidade e forma de reprodução parece ter mudado. Em Bauman, a noção de ética do trabalho parece representar esta ideia ao marcar que na primeira etapa do capitalismo o que importa é acentuar o valor da produção e da intensificação da produção. Trata-se de criar uma cultura social

**Modalidade do trabalho**: Ensaio teórico
**Evento**: XXI Jornada de Pesquisa

em que o valor da vida pode-se avaliar pelo quanto de trabalho se produz. A religião sagrada é substituída pela religião secular do capitalismo. A nova crença que alimenta o regime é a moralidade destinada a produção e o domínio ilimitado dos bens da natureza. O homem deixa de viver para o passado, como nos moldes propostos pela sociedade medieval, e passa a viver para o futuro.

A verdade nesta nova condição, não está mais posta no que foi e deve orientar a vida, mas que no que ela deve ser no futuro. Os novos sólidos da modernidade configuram uma promessa radiosa, marcada pela esperança de um progresso centrado na produção de riquezas materiais. A nova religião secular é o capitalismo e seu modelo de reprodução parece pretender uma forma de reprodução ordenada, estável e planejada. Na nova condição líquida da sociedade contemporânea, não há propriamente uma ruptura com esta forma de reprodução do capitalismo, mas sim uma radicalização e uma extensão global de seu modo de ser. Um elemento que ajuda a entender esta mudança se refere ao termo globalização, o qual parece expressar, para Bauman, não o que podemos fazer com o mundo, mas tão somente o que ele faz de nós. No auge da modernidade sólida, se imaginava que seria possível criar uma civilização universal, em que as forças econômicas seriam mediadas pelas forças da política e do Estado-Nação. A palavra de ordem era universalização, a qual significava regulamentação, planejamento e controle. No auge da modernidade líquida, não apenas esta tentativa de universalizar parece entrar em crise, como que fundamentalmente, a própria compreensão da noção de crise.

O próprio capitalismo, ao radicalizar seu modo de produção, em uma esfera globalizada, adentra em esferas da vida social que antes se imaginavam intocáveis ou mesmo capazes de dominar as forças da natureza e da vida produtiva colocando-as a serviço de finalidade humanas. O mundo líquido-moderno representado por Bauman parece significar uma maior fluidez dos mercados e uma perda da capacidade dos agentes políticos em imprimir outra forma de pensar as instituições e a cultura que não sejam vinculadas com o crescente ajuste das pessoas à esta nova temporalidade social.

Não há mais a possível escolha de querer ou não participar de um mundo global (se é que houve um dia). A máxima, no entanto, é de que antes, na modernidade sólida, ela ainda parece não ditar a regra de forma tão uniforme e poderosa a todas as sociedades humanas. No mundo líquido-moderno, o poder de unificação da técnica, e a crescente modernização de todos os setores humanos de produção, parecem unificar e globalizar as condições para a produção da existência.

Como forma de vida social, Bauman, nos dá pistas que este capitalismo é mais leve e volátil de que o anterior. Ele se baseia, não mais apenas no estímulo a uma ética do trabalho e do cálculo, mas a uma estética do consumo e da efemeridade. Ele insinua que não basta aos países trabalharem mais (produzirem mais), mas que precisam consumir mais. Ele desafia, no âmbito da produção da vida diária, que só poder manter o sistema funcionando se tivermos consumidores eternamente insatisfeitos com seus estilos de vida.

A noção de crise agora parece assumir uma noção de que para o mundo continuar funcionando devemos estar permanentemente em procura de algo que nunca virá definitivamente. O interessante é pensar que na modernidade sólido-moderna, a política ainda parecia fazer sentido, embora seu âmbito fora pensado para uma agência local (Estado-Nação). No modernidade líquida, a política parece ter perdido força, ante o reconhecimento da força e da determinação da economia nos projetos do mundo social. Restou aos sujeitos um cuidado da própria existência e de uma

**Modalidade do trabalho**: Ensaio teórico
**Evento**: XXI Jornada de Pesquisa

preocupação com as questões da vida individual, isto é, dos cuidados com o corpo, a estética e prazer. O modelo social parece se orientar neste sentido, muito mais para o consumo do imediato do que para a construção de projetos futuros.

Também percebe-se que grandes mudanças ocorreram nas escolas, pois a educação era um empreendimento para a vida toda, que poderia ser possuída e desejada para sempre (BAUMAN, 2002). O produto ofertado pelas escolas era reconhecido pela sua credibilidade, em que tudo que se sabe, se aprendeu na escola (BAUMAN, 2008b). O conhecimento era baseado em um processo educativo que era sólido e que resistia a toda a novidade, alimentando assim o seu aprendiz por toda a vida (BAUMAN, 2007b). A questão mais desafiadora que surge para a educação nesta nova modelagem é a impossibilidade de estabelecer conhecimentos válidos, que sejam para toda a vida, portanto, o conhecimento entra na mesma lógica do consumo, algo que deve ser descartado, jogado fora na proporção que se produz (BAUMAN, 2011).

A ideia de que a noção de conhecimento e de educação é produzida sempre no contexto de uma vida social parece o primeiro aprendizado que extraímos da obra de Bauman. É preciso pensar a validade e o sentido da noção de educação no contexto de uma determinada sociedade. O mundo sólido-moderno previa uma durabilidade maior para os conhecimentos. Seja em função do paradigma que o fundava, seja em função do ritmo social da produção e do consumo. Este mundo sólido-moderno representa a entrada da sociedade ocidental no contexto do capitalismo industrial.

O resultado disso tudo na educação das pessoas é um crescente sentimento de que precisam andar e de pressa, por que do contrário não estarão em condições de competir ou de participar dos bens culturais e materiais de seu tempo. A tônica de que o conhecimento científico e tecnológico interessava a poucos, ou mesmo a àqueles que iriam ditar os rumos e participar das esferas do mundo industrializado começa a mudar quando a métrica de entrada no mundo da produção modernizada começa a fazer parte da sobrevivência cotidiana de todas as populações que vivem sob o signo e o ritmo da lógica da mercadoria.

Na educação, o sentimento é de que precisamos nos orientar e nos formar por toda a vida, porque as mudanças sociais parecem exigir um permanente esforço de adequar-se a esta lógica. No entanto, Bauman, não quer que acreditemos que o ajustamento ao mundo seja a tônica das instituições que lidam com a educação, mas tão somente que compreendam-se atravessadas e desafiadas a formar pessoas que possam enfrentar as adversidades deste novo tipo de mundo que emerge. De fundo Bauman, nos aponta para o desafio da reflexividade e de uma formação ampla que os sujeitos precisariam aprender para viver neste mundo saturado de informações. Mais do que ajuste é reflexividade e crítica. Mais do que desafio individual, é reconhecer-se no âmbito de uma vida social que perdeu a noção temporal de sua história e de sua própria condição de vidas social que pode aspirar um projeto coletivo de emancipação e solidariedade.

## Conclusões

Se vivemos em uma sociedade líquido-moderna, precisamos aprender a viver uma vida líquida (BAUMAN, 2007b). A sociedade atual nos impõe mudanças o tempo todo, em curtos espaços de tempo, não sendo possível consolidar rotinas, hábitos, virtudes, valores ou formas de agir do indivíduo, sendo que a vida nesta sociedade líquido-moderna não pode ficar parada, caso contrário, o indivíduo acaba por extinguir-se no meio do caminho (BARÔNIO, 2015).

Podemos observar ainda, que a maior dificuldade para a sociedade atual nos tempos líquidos são os questionamentos, pois o mundo flui rapidamente e não há tempo para maiores questionamentos,

**Modalidade do trabalho**: Ensaio teórico
**Evento**: XXI Jornada de Pesquisa

a própria sociedade acaba por não aceitar nada que envolva se expor, explicar ou interagir (BARÔNIO, 2015), e precisamos estar preparados para esta vida.

Palavras-chave: Sociedade. Sólido-moderno. Líquido-Moderno.

Referências Bibliográficas

BARÔNIO, Jandira. Educação a distância na modernidade líquida: uma análise descritiva. 2015. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. 44 cartas do mundo líquido moderno. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

_____. Medo Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.

_____. Tempos Líquidos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007a.

_____. Los retos de la educación en la modernidad líquida. Barcelona: Gedisa, 2007b.

_____. Modernidade Líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Desafios educacionais da modernidade líquida. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 148, p. 41-58, jan./mar., 2002.

_____. Trabajo, consumismo e nuevos pobres. Trad. Victoria Boschiroli. Barcelona: Gedisa, 2000.

CUGINI, Paolo. Identidade, afetividade e as mudanças relacionais na modernidade líquida na Teoria de Zygmunt Bauman. Dialógos possíveis, v. 7, n. 1, 2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zigmunt Bauman. Tempo Social, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 301-325, Junho, 2004.

RORATTO, João Manuel. Modernidade, pós-modernidade e os reflexos na educação. Educação (UFSM), v. 35, n. 3, p. 519-532, 2010.

SHULMAN, Lee S. Taking learning seriously. Change: The Magazine of Higher Learning, v. 31, n. 4, p. 10-17, 1999.